

## CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS PARA A RESILIÊNCIA ENTRE PESSOAS LGBTQ+<sup>1</sup>

### CONTRIBUTIONS OF EDUCATIONAL SPACES TO RESILIENCE AMONG LGBTQ+ PEOPLE

Mateus Egilson da Silva Alves<sup>(1)</sup>; Maria Gabriela do  
Nascimento Araújo<sup>(2)</sup>; Ludgleydson Fernandes de Araújo<sup>(3)</sup>  
*(1, 2, 3) Universidade Federal do Delta do Parnaíba (Brasil)*

E- Mail: mateusegalves@gmail.com<sup>(1)</sup>; gabi.sikver@gmail.com<sup>(2)</sup>;  
ludgleydson@yahoo.com.br<sup>(3)</sup>

ID. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5759-8443><sup>(1)</sup>; <https://orcid.org/0000-0003-3434-7910><sup>(2)</sup>; <https://orcid.org/0000-0003-4486-7565><sup>(3)</sup>

---

**Recebido:** 11/04/2021

**Aceite:** 20/05/2021

**Publicado:** 23/06/2021

#### RESUMO

O presente estudo objetivou discutir as imbricações entre o constructo da resiliência e seu desenvolvimento entre pessoas LGBTQ+ associado ao âmbito dos espaços educativos e suas contribuições para essa relação. Buscou-se, então, revisitar a literatura em diversas fontes, principalmente artigos científicos, na condição de uma revisão narrativa, de modo que a partir do aporte teórico encontrado se produza compreensões quanto à temática abordada. Discute-se, que a resiliência vem sendo incorporada com maior frequência nos estudos psicossociais, principalmente devido aos estudos sobre as interações entre pessoa-ambiente. Nesse interim, explana-se que os espaços educativos sejam um lócus que influenciam no desenvolvimento da resiliência, podendo contribuir para que pessoas LGBTQ+ possam ser mais resilientes, conforme a escola atua como espaço que enfrenta discriminações. Portanto, espera-se que resulte em o conhecimento de que a conquista de altos níveis de resiliência entre as pessoas LGBTQ+ está associada a um bom processo educacional.

#### Palavras-chave:

educação; escola; pessoas LGBTQ+; resiliência

*Alves, Mateus Egilson da Silva;, Araújo, Maria Gabriela do Nascimento; Araújo, Ludgleydson Fernandes de (2021). Contribuições dos espaços educativos para a resiliência entre pessoas LGBTQ+. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 19, 2021, 179-194. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.v19.20981>*

## ABSTRACT

This research aimed to discuss the overlap between the construct of resilience and its development among LGBTQ+ people associated with the scope of educational spaces and their contributions to this relationship. We sought, then, to revisit the literature in several sources, mainly scientific articles, under the condition of a narrative-type review, so that from the theoretical support, understandings about the addressed theme are produced. It is argued that resilience has been incorporated more frequently in psychosocial studies, mainly due to studies on the interactions between person-environment. In the meantime, it is explained that educational spaces are a locus that influence the development of resilience and may contribute to LGBTQ+ people to be more resilient, as school acts as a space that faces discrimination. Therefore, it is expected to achieve the knowledge that high levels of resilience among LGBTQ+ people are associated with a good educational process.

## Keywords:

education; LGBTQ+ people; resilience; school

## Introdução

A sociedade contemporânea é marcada pela presença constante de adversidades que se perpetuam entre as vidas dos indivíduos, afetando-os em seus diversos contextos, social, familiar, emocional e entre outros. O surgimento dessas adversidades não implica na estagnação do indivíduo frente as suas atividades diárias, a capacidade deste de reunir aspectos pertencentes ao mesmo e aplicar essas questões frente à situação adversa com intuito de superá-la, é o que consideramos o necessário para o indivíduo se manter em uma sociedade moderna, constituindo o que se denomina como resiliência.

Cada cultura e grupo social possui sua dinâmica, suas particularidades de como lidar frente a tais situações-problema, no entanto todas possuem de forma partilhada a presença de seus respectivos fatores de proteção, aqueles que auxiliam no enfrentamento da dificuldade, e também os fatores de risco, os que podem desencadear e/ou potencializar negativamente a situação disposta. As diferenciações surgem a partir dos contextos

*Alves, Mateus Egilson da Silva,; Araújo, Maria Gabriela do Nascimento; Araújo, Ludgleydson Fernandes de (2021). Contribuições dos espaços educativos para a resiliência entre pessoas LGBTQ+. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 19, 2021, 179-194. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.vi19.20981>*

construídos e como cada indivíduo se insere nos mesmos (Angst, 2017).

Apesar de aparentemente se tratar de um conceito admirável, tal significado já foi muito atribuído a perspectivas individualizantes. Libório et al. (2006), trazem em seu estudo algumas concepções que já foram e/ou são atribuídas a terminologia de resiliência. Uma dessas é a perspectiva de invencibilidade, de que não há obstáculo que o ser humano não possa ultrapassar, mas que logo é desconstruída trazendo aspectos mais ligados à interação social e emocional.

Pesquisas recentes têm trazido à tona que pessoas com maior quantidade de adversidades enfrentadas ao longo da vida possuem maiores níveis de resiliência e uma quantidade significativa de ferramentas de enfrentamento. Dessa forma podemos pensar em como certos grupos sociais têm demonstrando essas características, em que se encontram as pessoas LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queers*) ao manifestarem maior grau em relação à resiliência e maior quantidade de respostas adaptativas (Araújo et al., 2019; Rodríguez; Calle, 2013; Sehnem; Santos, 2017).

Nesse sentido, pensar em quais contextos e espaços que podem promover a formação de estratégias resilientes de forma mais significativa faz-se concomitante, e aí surge a questão do âmbito escolar. À vista que a escola objetiva o desenvolvimento de seus alunos visando seu crescimento pessoal e que este possa se inserir de forma efetiva e responsável na sociedade. A partir disso, podemos então pensar que esse espaço pode atuar como fator para a construção da resiliência.

Diante do abordado, o estudo em questão foi realizado através de uma revisão narrativa em que se objetiva desenvolver teoricamente uma temática sem o rigor de uma revisão sistemática. De modo que têm-se como premissa deste estudo ser um trabalho primordialmente qualitativo, a partir de literatura científica adequada, aqui sendo utilizado artigos científicos encontrados em bases como SCIELO, Pepsic, Periódicos Capes, além de outras fontes disponíveis. Salienta-se quanto à disposição do trabalho não estar naquela estrutura comum dos escritos científicos (introdução,

método, resultados, discussão e conclusão), em virtude de que optou-se por elencar tópicos que versam sobre os expoentes teóricos principais, visando por meio deles culminar apresentando como o entrelaçamento do espaço socioeducativo da escola pode favorecer na construção da resiliência entre pessoas LGBTQ+.

### **Compreendendo aspectos associados ao constructo da resiliência**

Averett et al. (2011) abarcam de forma facilitada que a resiliência é converter obstáculos em oportunidades. Tal como uma capacidade de adaptação a fortes eventos ou mudanças durante a vida, que contribui para que obstáculos possam ser superados dentre aqueles que possam ser resilientes.

Assim, o conceito oriundo do campo da física vem sendo perpassado por transformações em seus significados, visto que sua origem se destinava a explicar ações a materiais dos seres inanimados. Neste sentido, quando abordado no âmbito social, a conceituação tornou-se mais ampla e complexa conforme associado as diversas implicações dos indivíduos, abrangendo os processos dinâmicos e intrapsíquicos dos seres humanos (Libório et al., 2006; Santos et al., 2018).

Dessa forma, podemos partir do que Araújo e Bermúdez (2015) expõem sobre que a resiliência é uma resposta global positiva a uma determinada situação adversa, sendo esta resposta resultante da dinâmica entre dois tipos de fatores: os de risco e os de proteção. Os fatores de risco são aquelas variáveis que aumentam as possibilidades de repostas desadaptativas ao ambiente (Angst, 2017). Por sua vez, os fatores de proteção são aqueles que alteram e aperfeiçoam de forma positiva a resposta do indivíduo para situações não adaptativas, tais como o sistema familiar, o apoio social, e a religião, entre outros.

O estudo de Araújo et al. (2019) aponta a essas relações ao demonstrarem a correlação entre a resiliência e alguns dados sociodemográficos. Na pesquisa, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função das seguintes variáveis sociodemográficas: sexo, escolaridade, situação laboral, iniciação

sexual e realização do teste de HIV. As demais variáveis sociodemográficas apresentaram relação em apenas alguns fatores da escala de resiliência. Dessa maneira, observa-se que, no contexto piauiense, ser mulher, ter baixa escolaridade, estar desempregada, nunca ter tido relações sexuais e nunca ter feito o teste de HIV/AIDS são fatores associados a níveis mais baixos de resiliência.

Com isso, vem sendo cada vez mais discutido que a resiliência pode ser compreendida como resultante das interações entre o meio e o indivíduo. De forma que progressivamente supera-se o pensamento anterior que a tornava mais abstrata, ao entender que o meio influencia na construção da resiliência, mas que também não a contempla por inteiro, sendo uma condição multideterminada e integracionista entre pessoa-ambiente.

### **Abordagens teórico-metodológicas em estudos sobre resiliência entre pessoas LGBTQ+**

Sehnm e Santos (2017) ao apresentarem seu estudo somente com a população LGBTQ+, ao utilizarem uma escala de verificação do nível de resiliência e uma entrevista semiestruturada, constataram que a população LGBTQ+ possuía níveis maiores de resiliência em comparação a outros grupos. Este fator foi verificado tendo como base suas duras histórias de vida, permeada por violências cotidianas, mas que apresentaram suas respectivas respostas adaptativas, a resiliência.

Atualmente tem havido um aumento significativo entre a produção de estudos direcionados a população LGBTQ+ e seus processos de resiliência, em destaque para o contexto internacional. Fatores de risco, violências, adversidades enfrentadas em seus cotidianos, preconceitos confrontados, todos esses aspectos têm sido a base para o desenvolvimento de suas estratégias de superação, sendo estas individuais ou coletivas, mostrando bons resultados cognitivos e comportamentais. Deste modo, os estudos mostram que grande parte desse grupo não só demonstra altos níveis de resiliência, como também evidenciam que situações de estresse

se transformaram em uma base para seu fortalecimento (Lira & Morais, 2018).

Averett et al. (2011) em seu estudo sobre a resiliência entre idosas lésbicas, constatam que devido à superação de estigmas discriminatórios, hostilidades e exclusão em múltiplos espaços e por pessoas, incluso, membros da família durante a vida, ao receberem suporte de redes de apoio social que se formam, conseguem estabelecer condições para lograr ultrapassar barreiras impostas socialmente.

Hillman e Hinrichsen (2014) atribuem essa perspectiva quando dizem que embora pessoas idosas homoafetivas representem uma população de risco única, também apresentam evidências de adaptação e resiliência significativas. De forma que mesmo sendo um grupo de risco é perceptível a capacidade de adaptação e resiliência desses indivíduos, ao que se acredita que esse fenômeno possa estar associado a sua formação social ao longo da vida, em que estes são mais rapidamente levados a serem autônomos e independentes, desenvolvendo capacidades de enfrentamentos em que a resiliência é um dos fatores que auxiliam a chegar na velhice, apesar dos eventos estressores.

Dentro dessa perspectiva, Waite (2015) elenca o surgimento da resiliência na velhice lésbica, por exemplo, quando analisadas as nuances de ideologias de gênero discriminatórias que geram exclusão e invisibilidade as mulheres. Em coerência com Hayman e Wilkes (2016) em que mulheres idosas lésbicas desenvolvem resiliência devido as circunstâncias que permeiam sua orientação sexual, de modo que o preparo mental para situações de homofobia, opressão e discriminação ao longo da vida, faz com que consigam obter eficácia em serem resilientes diante dessas situações e assim estendendo certa força para outras situações.

Com isso, a resiliência beneficia a um grupo muito oprimido que são as mulheres, sobretudo, as idosas lésbicas que enfrentam como elencado em literatura, dupla rejeição por serem mulheres e por serem homossexuais, tal que a resiliência desenvolvida ao longo da vida pode ser entendida como um escudo, para que não se sucumba às adversidades sociais e simbólicas em que estão submetidas as mulheres idosas lésbicas. Assim, se endossa o que

dizem Paulo e Esgalhado (2020) sobre a comunidade LGBTQ+ mesmo que sofrendo discriminação e preconceito em grande parte da vida, estando mais expostos a experiências discriminatórias e de vulnerabilidade, ainda assim possuem um repertório maior de respostas frente às dificuldades.

### **Relações proximais entre demandas e suas consequências para além do espaço educativo**

Estudos apontam, no que diz respeito ao papel da escola na vida dos indivíduos nela inserida, esta é um lugar em que diversas reflexões se revelam constantes, e marca em seus atores um impacto que perpassa a vida, sendo um importante espaço de desenvolvimento e formação humano, e caracterizada por processos tanto individuais como coletivos, de aprendizagem e convívio (Araújo et al., 2016; Kassar, 2016).

Com isso, a escola não apenas desenvolve competências cognitivas, mas produz aprendizagens que afetam os sentimentos e emoções daqueles que estão lá inseridos. Existe então um conceito, o apego ao lugar, que explica essa relação entre o ambiente e a pessoa, de forma que há um elo emocional que se consolida nos ambientes físicos. Desse modo é posto na literatura que laços afetivos são mais duradouros quando há algum grau de relação entre pessoa e ambiente, e estes são estabelecidos pela importância singular dada aos espaços, que misturam sensações desejosas de aproximação e de tristeza por separação (Araújo et al., 2016; Felipe & Kuhnen, 2012).

A escola, dentre outras, protagoniza esses conceitos e é um local onde as relações afetivas ocorrem sobremaneira, pois estando presente na comunidade exerce influência sobre estes, que podem ou não, ter uma representação de apreço ou desgosto. Lima e Bonfim (2009) corroboram isto quando falam que o apego ao lugar traz posicionamentos mais afetivos do que cognitivos, posto que as pessoas associam aos ambientes sentimentos como segurança e conforto.

Assim como Araújo et al. (2016) trazem que no apego ao lugar três dimensões se relacionam e perpassam as relações entre

a escola e as pessoas: (a) a dimensão funcional que envolve os elementos contidos em certo espaço, a qual estimula ou inibe os movimentos e gestos realizados neste local; (b) a dimensão simbólica que diz respeito à cultura de cada indivíduo interferindo nas suas relações pessoa-ambiente e no modo como cada um reage frente às diversas situações; e (c) a dimensão relacional que se refere às relações de uma forma dinamizada entre a sociedade e o ambiente ao qual a pessoa pertence.

O ambiente escolar, portanto, é mais que uma estrutura física, em que o apego, a instituição escolar e a aprendizagem dos alunos auxiliam a compreender e explicar atitudes, autenticidades, fracassos, sucessos, ideias, objetivos, potencialidades e limitações que implicam em que se pense não somente em desenvolvimento cognitivo como também em social e emocional.

Dessa forma, considerando a escola o local onde os indivíduos passam grande parte de sua vida, é possível notar que muitos de nossos círculos sociais se iniciam durante esse período, o desenvolvimento cognitivo e comportamental também se apresentam de forma crescente durante essa etapa. Contudo, apesar da escola se mostrar um lugar seguro, que proporciona aprendizagem e transformação social, não está imune aos acontecimentos do mundo moderno.

Silva e Negreiros (2020) apontam em seu estudo, sobre como a violência tem se inserido nos mais diversos lugares, e vem se expandido principalmente no contexto escolar. A violência escolar pode ser entendida como um conjunto de ações e fenômenos que podem levar a um ostáculo na convivência e desenvolvimento dentro do âmbito escolar envolvendo seus mais variados atores, alunos, gestão, coordenação e professores, entre outros (Ortega, 1998).

A violência dentro das escolas tem aumentado significativamente nestes últimos anos devido às inúmeras mudanças econômicas e sociais quem vêm acontecendo na sociedade. Com isso, dentro do âmbito escolar a ocorrência de atos com algum tipo de violência (verbal, física, psicológica e outras) entre alunos e alunas são consideradas ações do que designa-se como *bullying*, e mais precisamente o *bullying* homofóbico, quando

relacionado às violências dirigidas a aqueles que consideram como sendo da comunidade LGBTQ+.

Essa forma de violência tem desencadeado copiosas consequências: evasão escolar, dificuldades de aprendizagem, depressão, ansiedade e tentativas de suicídio, que podem ser utilizadas como exemplo. Alunos e alunas transexuais e travestis tendo suas permissões negadas para a utilização dos banheiros de acordo com sua identidade de gênero, são comuns dentro das escolas. A ignorância e falta de compreensão dos atores escolares frente as questões de gênero e sexualidade são os pilares para o surgimento de preconceitos e discriminações (Dinis, 2011; Santos; Lage, 2018; Silva; Negreiros, 2020).

A instituição *The Global Alliance for LGBT Education*, realizou uma pesquisa em 2009 em que revelou que a discriminação relacionada com a identidade de gênero prevalece dentre as formas de *bullying* que mais são acometidos dentro do contexto escolar, tendo assim a comunidade LGBTQ+ como o grupo em que mais são expostos a experiências negativas ao longo da educação básica (Ribeiro, 2020).

No Brasil, as políticas legislativas de intervenção nas escolas são das mais variadas, no entanto aquelas direcionadas à educação sexual e de gênero ainda demonstram opiniões complexas entre a população. Apesar disto, os estudos deixam claro que a implementação de políticas de inclusão LGBTQ+ associados ao apoio dos atores escolares promovem mais segurança, aprendizagem e conforto para aqueles que se incluem na comunidade (Ribeiro, 2020).

A intervenção da gestão escolar, portanto, frente aos ataques é capaz de promover a proteção dos estudantes, diminuir as atitudes preconceituosas e discriminatórias relacionadas a sua identidade de gênero e orientação sexual, podendo assim aumentar a participação desses alunos nas atividades propostas pela escola, e os tornando membros efetivos e ativos do contexto escolar.

## **A Escola como espaço promotor de resiliência para pessoas LGBTQ+**

A partir do exposto até aqui, vemos que para a elaboração e manutenção da resiliência é necessário a utilização de agentes internos e externos. Os fatores protetivos e de risco se fazem aqui imprescindíveis para facilitar e potencializar, podendo ser de forma positiva ou não, a constituição das respostas adaptativas aos eventos adversos que surgiram ou possam surgir ao longo de sua vida. O funcionamento e a utilização desses fatores pode ser comparado à uma serra, ou seja, conforme for o “peso” de tais fatores no presente contexto um deles irá prevalecer, sendo positiva ou negativamente. À vista disso, é possível analisar como as experiências vividas e acumuladas por cada indivíduo pode potencializar e/ou desestabilizar seus processos resilientes (Santos et al., 2018).

Garcia (2001) propõe que a resiliência compreende três categorias: a emocional, a social e a acadêmica. A resiliência emocional realiza uma associação entre a adversidade vivida com experiências em que já esteve presente que lhe levaram a ter sentimentos de autoestima, realização e autonomia, tendo assim um repertório de perspectivas de como responder a tal evento de forma adaptativa. A resiliência social está ligada ao apoio que o indivíduo possui, pais, amigos e entre outros que o estimulam na resolução de problemas. A última categoria abordada é a resiliência acadêmica, esta está intrinsicamente ligada ao âmbito escolar. Com isso, para o autor a escola é um lugar onde as pessoas desenvolvem sua capacidade de resolução de problemas, tendo os agentes educacionais como potencializadores, sendo assim o ambiente primordial para a construção da resiliência.

Para Fajardo, Minayo e Moreira (2010), a escola é um dos setores que se mostram mais favoráveis para a promoção da resiliência devido a duas circunstâncias, a primeira se refere à grande quantidade de grupos distintos presentes nesse contexto, e a segunda trata de como a escola se porta frente ao estudante, proporcionando crescimento pessoal, amadurecimento, desenvolvimento humano e de valores além de segurança e proteção, podendo alguns chamar até de lar. Esta possui os

instrumentos necessários para auxiliar os estudantes no enfrentamento de seus obstáculos e fortalecimento de seus valores e convicções.

Sendo assim, a escola se torna o início da vida social desses indivíduos e por isso, para a manutenção desses círculos sociais, a promoção e utilização da resiliência é imprescindível para que então a escola alcance seus verdadeiros objetivos: desenvolver os estudantes para que eles se tornem cidadãos alfabetizados, responsáveis e livres (Oliveira, 2018).

Uma outra característica presente no âmbito escolar é a promoção do sentimento de pertencimento, aqui pode-se retomar o conceito já supracitado, o apego ao lugar. Assim, a relação entre os alunos e a instituição escola se constituem como uma conexão emocional e duradoura, proporcionando que o indivíduo expanda sua rede de significados e significantes para com aquele ambiente e seus constituintes. Por conseguinte, quando o indivíduo se apresenta dentro do contexto escolar, tendo consigo construído certos níveis de apego, fazendo parte de círculos sociais, tendo sentimentos de pertencimento, proporcionando por todos aqueles que constituem o contexto escolar, assim este indivíduo possui as maiores circunstâncias para o desenvolvimento da resiliência (Araújo et al., 2016; Felipe & Kuhnen, 2012).

Dentre os jovens LGBTQ+, em sua maioria, a inserção na escola é um de seus primeiros passos para a criação de um círculo social, podendo então encontrar estudantes com sua mesma faixa etária com diversas semelhanças, proporcionando assim uma maior autoestima e autoconfiança sobre quem é. Entretanto, não é possível negar a quantidade significativa de violência que esses indivíduos em específico sofrem durante seu percurso educacional.

Daí, o que Sehnem e Santos Neto (2017) constatam em seu estudo que aqueles indivíduos que demonstraram altos níveis de resiliência, atribuíram tais fatores as difíceis histórias de vida, as suas constantes lutas contra o preconceito que os cerca no cotidiano e também àqueles que constituem sua base de apoio socioemocional. Partindo do princípio que o desenvolvimento socioemocional dos estudantes ocorre devido ao estabelecimento de conexões fortes e firmadas dentro do contexto escolar, e que

este é o elemento fundamental para a construção de fatores protetivos; constata-se então que o âmbito escolar e seus atores, alunos, professores, funcionários, gestão escolar, se tornam o lugar primordial para a promoção de resiliência entre a comunidade LGBTQ+.

A partir do exposto até o momento, podemos verificar que a resiliência se apresenta em maiores níveis naqueles indivíduos que passaram por numerosas adversidades ao longo de sua vida e que apresentam fatores de proteção consolidados e fatores de risco coordenados. Deste modo, denota-se por meio de pesquisas explanadas ao longo do estudo, que a população que apresenta níveis elevados de resiliência e respostas adaptativas é a comunidade LGBTQ+.

Uma outra questão apresentada diz sobre o contexto que se mostra mais propício para o desenvolvimento de indivíduos resilientes, chegando então ao contexto escolar. A escola é atravessada por diversos elementos, podendo ser reflexo da situação geográfica em que se localiza. Dessa forma, muitas escolas apresentam elevados níveis de violência. O *bullying* engloba os mais diversos tipos de violência interpessoal, sendo cometido com o intuito de ofender, discriminar e até mesmo machucar outro indivíduo.

Dentre as formas de violência mais recorrentes nas escolas, o *bullying* homofóbico, aquele direcionado a pessoas LGBTQ+, tem-se mostrado mais presente. Apesar disso, através do funcionamento do contexto escolar e do empreendimento realizado por todos aqueles que constituem a comunidade escolar, esse espaço se mostrou como potencializador para o desenvolvimento da resiliência entre esses indivíduos.

Sendo assim, espera-se que a partir das questões aqui explanadas, seja possível visualizar que a resiliência é um processo a ser discutido diante da interação escola-aluno, vindo a contribuir em muito para o processo de aprendizagem na educação (ver também Gu & Day, 2008; Patterson et al., 2004) como citados por Araújo e Bermúdez (2015). Por fim, conclui-se que entre pessoas LGBTQ+, os altos níveis de resiliência e suporte social podem ser associados ao seu sucesso no processo educacional.

## Referências

- Angst, R. (2017). Psicologia e resiliência: uma revisão de literatura. *Psicologia argumento*, 27(58), 253-260. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20225>
- Araújo, L. F.; Bermúdez, M. P. (2015). Resiliência em adultos: uma revisão teórica. *Terapia psicológica*, 33(3), 257-276. <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-48082015000300009>
- Araújo, L. F.; Leal, B. S.; Santos, J. V. O.; Sampaio, A. V. C. (2019). Análise da Resiliência entre Pessoas que Vivem com HIV/AIDS: Um Estudo Psicossocial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35416. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35416>
- Araújo, P. V.; Pessoa, V. S.; Fonseca, P. N.; Albuquerque, J. H. A.; Almeida, A. C. (2016). Eu gosto da escola: um estudo sobre o apego ao ambiente escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(2), 377-384. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150202996>
- Averett, P.; Yoon, I.; Jenkins, C. L. (2011). Older lesbians: experiences of aging, discrimination, and resilience. *Journal Of Women & Aging*, 23(3), 216-232. <https://dx.doi.org/10.1080/08952841.2011.587742>
- Barbosa, A. A. D.; Soares, M. S.; Pereira, J. M. (2018). Características associadas a vítimas de bullying nas escolas brasileiras. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 15(2), 791-799. <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i2.3231>
- Dinis, N. F. (2011). Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, 39, 39-50. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000100004>
- Fajardo, I. N.; Minayo, M. C. S.; Moreira, C. O. F. (2010). Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 18(69), 761-774. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362010000400006>
- Felippe, M. L.; Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia / Campinas*, 29(4), 609-617. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400015>
- Garcia, I. (2001). Vulnerabilidade e resiliência. *Adolescência Latinoamericana*, 2, 128-130. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-292049>
- Gu, Q.; Day, C. (2008). Teacher's resilience: a necessary condition for effectiveness. *Teaching and Teacher Education*, 23, 1302-1316. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2006.06.006>

Hayman, B.; Wilkes, L. (2016). Older lesbian women's health and healthcare: A narrative review of the literature. *Journal of Clinical Nursing*, 25, 3454-3468. <https://dx.doi.org/10.1111/jocn.13237>

Hillman, J.; Hinrichsen, G. A. (2014). Promoting an affirming, competent practice with older lesbian and gay adults. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 269-277. <http://dx.doi.org.ez17.periodicos.capes.gov.br/10.1037/a0037172>

Kassar, M. C. M. (2016). Escola Como Espaço Para A Diversidade E O Desenvolvimento Humano. *Educação & Sociedade*, 37(137), 1223-1240. <https://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302016157049>

Libório, R. M. C.; Castro, B. M.; Coelho, A. E. (2006). Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: Conceitos e reflexões críticas. In Dell'Aglio, D. D.; Koller, S. H.; Yunes, M. A. M. (Eds.), *Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção*, (pp. 89-115). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lima, D. M. A.; Bomfim, Z. A. C. (2009). Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico, Porto Alegre*, 40 (4), 491-497. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4711>

Lira, A. N.; Morais, N. A. (2018). Estratégias metodológicas de investigação da resiliência em lésbicas, gays e bissexuais (LGBs): revisão integrativa de literatura. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1427-1445. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-11Pt>

Oliveira, Jr. I. B. (2018). A escola promotora de processos-chave de resiliência em famílias organizadas em modelos não convencionais. *Psicologia da Educação*, 46, 93-101. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752018000100010&lng=pt&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752018000100010&lng=pt&lng=pt).

Ortega, A. R. (1998). Violencia Escolar: Su Presencia en Institutos de Educación Secundaria de Andalucía. *Revista de Estudios de Juventud*, 42, 47-61. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6188688>

Paulo, C. M.; Esgalhado, G. (2020). Religiosidade, resiliência e envelhecimento bem-sucedido em homens gays e bissexuais mais velhos. *Psicologia, saúde & doenças*, 21(1), 124-130. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210119>

Patterson, J. H.; Collins, I.; Abbott, G. (2004). A study of teacher resilience in urban schools. *Journal of Instructional Psychology*, 31, 3-11. <https://link.gale.com/apps/doc/A115034759/HRCA?u=anon~a8765214&sid=HRCA&xid=86c41b9c>

Alves, Mateus Egilson da Silva;, Araújo, Maria Gabriela do Nascimento; Araújo, Ludgleydson Fernandes de (2021). Contribuições dos espaços educativos para a resiliência entre pessoas LGBTQ+. *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, N.º 19, 2021, 179-194. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.v19.20981>

Ribeiro, E. (2020). O impacto da (in) segurança escolar na saúde de estudantes LGBT: violências recônditas nas frestas da escola. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 3(11), 119-139. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11204>

Rodríguez, M. D. C. F.; Calle, F. V. (2013). En torno al rechazo, la salud mental y la resiliencia en un grupo de jóvenes universitarios gays, lesbianas y bisexuales. *Revista Griot*, 6(1), 44. Disponível em: <https://revistas.upr.edu/index.php/griot/article/view/1623>

Santos, É. S.; Lage, A. C. (2018). Lgbtphobia na escola: implicações da gestão escolar. *Revista Fórum Identidades*, 26(26), 1-18. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/9176>

Santos, R. L.; Oliveira, F. N. de; Bianchini, L. G. B. (2018). Medicalização da aprendizagem e resiliência: significações produzidas na escola. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 13(5), 1792–1813. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.unesp.v13.n4.out/dez.2018.10190>.

Sehnem, S. B.; Santos, Neto, J. T. (2017). Violência e resiliência: um estudo sobre as reações cognitivas comportamentais da população LGBT. *XXIII Seminário De Iniciação Científica e X Seminário Integrado De Ensino, Pesquisa E Extensão (SIEPE 2017; ISSN: 2237-6593)*. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/14337>

Silva, E. H. B.; Negreiros, F. (2020). Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Psicopedagogia*, 37(114), 327-340. <https://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20200027>

Waite, H. (2015). Old lesbians: histories and challenges. *Australasian Journal on Ageing*, 34, 8-13. <https://dx.doi.org/10.1111/ajag.12272>

### Para saber mais dos/as autores/as...

#### Mateus Egilson da Silva Alves:

Graduando de Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar). Possui interesse nas áreas de Psicologia Social e Psicologia do Desenvolvimento, sobre as quais pesquisa e atuou como bolsista do programa de iniciação científica (PIBIC) de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPPar). É Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação e Queixa Escolar (PSIQUED).

Alves, Mateus Egilson da Silva;, Araújo, Maria Gabriela do Nascimento; Araújo, Ludgleydson Fernandes de (2021). Contribuições dos espaços educativos para a resiliência entre pessoas LGBTQ+. *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, N.º 19, 2021, 179-194. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.v19.20981>

**Maria Gabriela do Nascimento Araújo:**

Graduanda de Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Desenvolve pesquisas sobre Psicologia Escolar, Políticas Públicas Educacionais e Fracasso Escolar pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). É Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação e Queixa Escolar (PSIQUED) e do Núcleo Piauí do Fórum sobre a Medicalização da Educação e da Sociedade.

**Ludgleydson Fernandes de Araújo:**

Doutor em Psicologia pela Universidad de Granada (Espanha). Professor do Departamento de Psicologia e orientador do Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. É Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação e Queixa Escolar (PSIQUED).

**Como citar este artigo...**

Alves, Mateus Egilson da Silva; Araújo, Maria Gabriela do Nascimento; Araújo, Ludgleydson Fernandes de (2021). Contribuições dos espaços educativos para a resiliência entre pessoas LGBTQ+. *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, 19, 179-194.  
DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.vi19.20981>

---

<sup>1</sup> O presente artigo não está organizado com todos os apartes – introdução, método, resultados e discussão –, estabelecidos nas normas da revista. A ordenação do texto deve-se ao intuito da apresentação de um ensaio científico teórico da temática abordada, do tipo de revisão adotada e em virtude da literatura ainda incipiente quanto ao objetivo pretendido.